

# Jornal do Domingo.

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

## ASSIGNATURA

30 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 22 DE OUTUBRO DE 1882 — N.º 35 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

## ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 7\$000 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

## SUMMARY

GRAVURAS: — O enterro de Christo. Um episodio da revolução franceza. O mendigo cego. Dois bons camaradas.

TEXTOS:—Actualidades, por Urbano de Castro. As nossas gravuras, por P. C. Rosicler, por Victor Narveu. Os primeiros amores de um futuro almirante, por J. Vianna. O caso de João Anjo, por Pinheiro Chagas. A proposito, por Gomes da Silva. D. Evornia.

## ACTUALIDADES

Tem-se dado com o *Jornal do Domingo* um caso que não deixa de ser interessante. Por motivos completamente alheios á vontade do proprietario e do director, o jornal atrasou-se. (E, entre parenthesis, diremos que esta irregularidade desaparecerá em breve, pondo-se o jornal em dia).

Ora, atrasando-se o jornal, aconteceu isto: os chronicistas das *Actualidades* tem de referir-se, não aos acontecimentos da semana em que escrevem, mas ao que se passou em eras remotas, afastadas, longinquas... Ha um mez, ha tres semanas... Uma eternidade!

A semana de 15 a 22 de outubro! Mas essa semana é prehistorica! Ainda mais... pertence á fabula!

Agora me estou eu lembrando: foi exactamente na semana de 15 a 22 de outubro que Jupiter, disfarçado em Amphitrião, seduziu Alcmena!

Não, enganei-me. Na semana de 15 a 22 de outubro—agora, agora—foi a guerra de Troia que durou... cem annos!

Vejam que extraordinaria semana! De cem annos! O melhor é talvez passarmos á politica.

Mas a verdade é que um chronicista tem deveres, e não é com *blagues* de mau gosto qua se fazem chronicas.

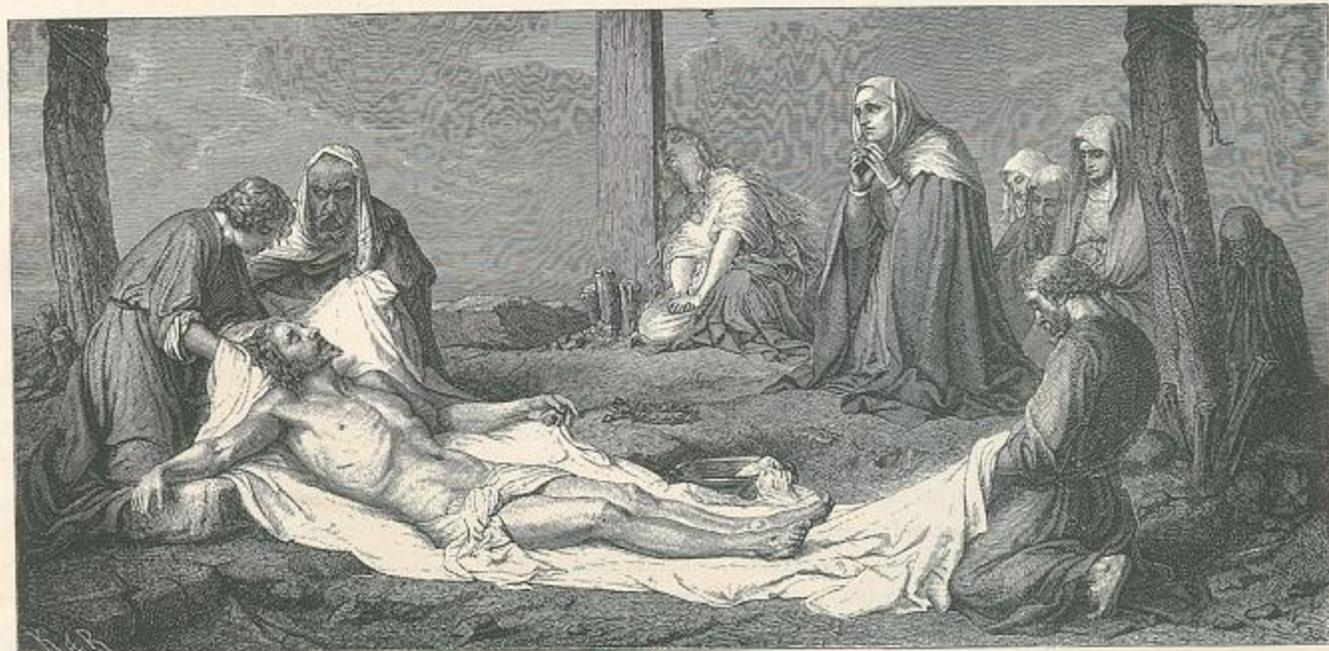
João Rosa comprehendeu e interpretou admiravelmente o papel do *honesto* Yago.

Mão! Mão! Lá volto eu á mesma!

Mas que birra! Sim, sempre quero que me façam o favor de me dizer com que bullas me estou eu referindo ao desempenho de uma peça ainda não representada! Quem sabe até se virá a representar-se! Porque, em summa, a empresa (não a de D. Maria, a de pôr o *Othello* em scena) a empresa é de costa acima... E, á ultima hora, talvez se arrependam...

Agora o que é exacto,—e o que nós queríamos dizer, é isto:

—Pessoas que tem assistido aos primeiros ensaios affiançam-nos que o actor João Rosa comprehendeu



O ENTERRO DE CHRISTO

O chronicista recebe aviso para escrever a chronica. N'um *Post-scriptum* diz-se-lhe:—É a semana de 15 a 22 de outubro.

E estamos hoje a 30 de novembro!

—Mas Deus do céu!—exclama o infeliz chronicista—sei lá o que se passou na semana de 15 a 22 de outubro! Mas isso é obrigarem-me a estudos archeologicos! Isso é ter de revolver o pó dos seculos! Para fallar n'isso preciso de consultar os monumentos, tenho de lêr os livros santos dos Vedas, o velho testamento, Hesiodo, a Iliada, Thucidides, Xenophonte... que sei eu!

Vamos a isto.

Cá estou na semana de 15 a 22 de outubro..

Comecemos pelos theatros.

D. Maria deu-nos a representação do *Othello*...

Que fui eu dizer Deus de bondade!—Não, não é isto! Que cabeça a minha! O *Othello*! Vi lá nunca o *Othello* em D. Maria...

O que eu queria dizer era isto:

—O teatro de D. Maria prepara-se para nos dar o *Othello*! O publico espera, com a maior ansiedade, a primeira representação do celebre drama de Shakespeare.

admiravelmente a parte de Yago, devendo desempenhal-a a primor.

A questão do nuncio continua na tela do debate. Por enquanto sobre o assumpto o que ha de mais notavel é uma esplendida satyra de Bulhão Pato publicada no *Diario Popular*.

E eu a dar-lhe!

Mas qual questão do nuncio? O nuncio teve alguma questão? Estou-me desconhecendo! decididamente deliro! E a satyra de Bulhão Pato? Que idéa seria esta da satyra?

Não façam caso. Este novembro vae correndo

tão frio—que nos põe as cabeças a rasão de juro... .

Perdão! Vou de mal a peor! Novembro? Mas quem falla ahí em novembro! Este outubro vae... vae tão ameno... que... que... que se o theatro de S. Carlos não estivesse aberto julgar-se-hia a gente no verão!

Exacto! É isto mesmo! Que lindo outubro! Que lindo outubro, e que linda voz a do Gayarre...

Que linda voz a do Gayarre, ... segundo—se diz. Lisboa,—sim, creio que não estou dando nenhuma novidade—Lisboa ainda não teve o prazer de ouvir o grande tenor. Espera-se porem que a sr.<sup>a</sup> Pasqua se restabeleça em breve do seu *feriado*, e logo que tal aconteça Gayarre fará ouvir-se na *Favorita*, opera em que,—segunda a opinião da imprensa estrangeira—o grande artista é inimitavel.

*Vederemo et dopo parlaremo.* Creio que passei a mais minuciosa revista á semana de 15 a 22 de outubro! Está tudo,—está!—Não está tal!

Falta a *Princeza de Bagdad*! Ai que destempero! A *Princeza de Trebizonda* é que eu queria dizer. Agradou. Quanto á outra Princeza, á de Bagdad, falla-se vagamente em que a actriz Lucinda Simões a representará no theatro dos Recreios... lá para novembro. Tenho tempo. E' caso para se dizer—nãa vos doa a cabeça até lá...

O leitor está desesperado, diz que isto não é chronica nem cousa nenhuma, que não lhe fallei n'um só dos factos da semana de 15 a 22 de outubro. Tem o leitor razão. Mas, para me desculpar, eu vou contar-lhe um caso.

Quando do calendario juliano se passou para o gregoriano, lá para acertar uns mezes lunares e coisas varias que não vem para aqui—eliminaram-se uns dias... Doze dias...

Pois muito bem, meus senhores!—imaginem que se fez uma nova reforma de calendario, e que, n'essa reforma, foi eliminada a semana de 15 a 22 de outubro!

Percebem? Essa semana não existiu!

E realmente, os senhores tem a certeza de que ella existisse?

Eu, por mim,—dou-lhes a minha palavra—é coisa de que me não lembro...

URBANO DE CASTRO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### o enterro de Christo

Cem vezes tem sido tratado este assumpto, e encontram-se n'elle sempre os elementos de uma obra prima. Depois de o terem tratado todos os grandes pintores da idade media e da Renascença, ainda Paulo Delaroche ousou tomar a si o encargo de o reproduzir. Conhece-se immediatamente o pintor do seculo XIX: no quadro ha ausencia de fé e requintes de elegancia. Não se commettem os anachronismos familiares aos pintores do seculo XVI; os typos são rigorosamente semiticos, mas não pertencem á lenda evangelica. Nenhum dos que alli estão acredita que tem alli o cadaver de um Deus.

Apezar de tudo o quadro é delicioso, e vendo este *Enterro de Christo*, da mesma forma que vendo o *Descanço no Egypto* que um dia d'estes apresentámos aos nossos leitores, sente-se a profunda injustiça de Theophilo Gauthier, que, no prologo de *Mademoiselle de Maupin* trata Paulo Delaroche com este desdem supremo: «Ha gente que é capaz de tomar o Pireu por um homem, e o sr. Paulo Delaroche por um pintor»:

O dito era cruel e injusto, e Theophilo Gauthier sentia-o de certo no fundo da sua consciencia, mas a saida era engraçada, e qual é ahí o homem de espirito, que não sacrifica sem hesitar o grito da consciencia que protesta á fascinação de um dito engraçado que brota.

### o mendigo cego

Uma tarde, diz um escriptor francez, que commenta n'um jornal estrangeiro este formoso quadro de Dyckmans, ouvimos á porta de uma igreja uma voz fraca pronunciar estas palavras: «Dêem esmola a um desgraçado cego, meus senhores e minhas senhoras! Ser velho, ser pobre, é já bem triste! mas não vêr!...

O homem que assim fallava, resumia n'estas simples palavras tudo o que tem effectivamente de doloroso a velhice, complicada com a pobreza e com a cegueira.

Por isso somos todos levados instinctivamente a socorrer de preferencia os cegos, e fazemos bem, porque a privação de vista é só por si a maior de todas as miserias.

Este assumpto foi muitas vezes tratado pelo pincel, mas poucas vezes de um modo mais feliz do que no quadro de que é copia a nossa gravura, devido a um pintor belga, o sr. Dyckmans, que não só soube estampar uma grande naturalidade e uma dolorosa dignidade na attitude e na expressão de physionomia do velho, mas teve uma inspiração excellente, associando a essa physionomia severa uma gentil menina que forma com seu avô tão feliz contraste.

Este quadro estava ha poucos annos, e suppomos que está ainda, na *National Gallery* de Londres.

### Dois bons camaradas

Um cão e uma criança! É uma coisa extraordinaria a sympathia que os animaes em geral tem pelas crianças. Aquellas intelligencias rudimentares dos animaes dão-se bem com as intelligencias ainda em botão das crianças. Os cães então adoram-n'as, são os seus escravos fieis, deixam n'as montar a cavallo, escarranchadas no seu dorso, deixam-n'as puxar-lhes as orelhas, entornar-lhes a comida, fazer-lhes toda a qualidade de travessuras. Uma criança doma um cão indomavel.

Os personagens da nossa gravura são esses eternos amigos. A criança invade o nicho do animal, e o cão tranquillo, risonho, por assim dizermos, assiste com uma placidez impagavel a essa violação dos seus dominios. Pois se o cão não parece feroz, pelo menos está prezo, e isso não indica já uma indole extremamente pacifica.

### Um episodio da revolução franceza

Descrevendo a horrorosa carnificina effectuada nas prisões de Paris, no terrivel dia 2 de setembro de 1792, conta da seguinte forma Lamartine na sua *Historia dos Girondinos* o dramatico episodio representado pela nossa gravura:

«Depois do sr. de Montmorin, appareceu Sombreuil, governador dos Invalidos. Sua filha, presa como elle, tivera licença de sair livre. Recusára comtudo abandonar a prisão a que a acorrentava o seu amor por seu pae. Residia com madame de Tourzel, e de Saint-Brice com a filha de Cazotte n'um quarto destinado ás senhoras. Desde o principio da matança que ella estava ao postigo do tribunal, espreitando a appareição de seu pae, e protegida pela piedade dos guardas e dos carcereiros. Sombreuil apparece; é condemnado. Abre-se a porta, as bayonetas brilham, sua filha corre, suspende-se do pescoço do velho, cobre-o com o seu corpo, supplica aos assassinos que poupem seu pae, ou que a fulminem com o mesmo golpe. O seu gesto, o seu sexo, a sua mocidade, os seus cabellos esparsos, a sua belleza augmentada com a commoção da sua alma, a sublimidade da sua dedicação, o ardor das suas supplicas enternecem estes sicarios. Um grito de misericordia sae do seio da multidão, abaixam-se os chuchos, concede-se á filha a vida de seu pae, mas por um preço horrivel: querem que, em signal de abjuración da aristocracia, molhe os seus labios n'um copo cheio de sangue dos aristocratas, mademoiselle de Sombreuil agarra no copo com mão intrepida, leva-o aos labios, e bebe á salvación de seu pae. Esse gesto salvou-o. Associam-se todos ao seu jubilo; as lagrimas dos seus assassinos confundem-se com as suas. Ha surpresas da natureza, mesmo nos mais profundos vortices do crime. Ha abysmos no coração humano. Os monstros com os braços tintos de sangue levam em triumpho Sombreuil e sua filha a sua casa, e juram defendel-os contra os seus inimigos.»

Mademoiselle de Sombreuil sobreviveu por muito tempo a essa horrivel scena; conta-se que ás vezes invadia-lhe uma pallidez subita e cadaverica as faces, como se esse sangue dos outros tirasse a côr vermelha ao seu proprio sangue. Victor Hugo consagrou, a esta heroína do amor filial uma das suas mais bellas odes.

P. C.

## ROSICLER

### NA ALDEIA

(antes da missa)

Ao ex.<sup>mo</sup> Sr. Pinheiro Chagas

São as horas da missa; o padre atravessando o adro, vae risonho o povo abençoando.

Descobrem-se os aldeãos mui respeitadamente n'uma profunda fé, n'uma fé bem ardente e abrem o caminho ao velho capellão. E elle lá vae; lá vae dar a consolação, a perfumada paz, a doce paz bendita, e fazendo esquecer alguma atroz desdita.

Lá vae o santo padre, o velho e bom pastor mostrando n'um sorriso a humildade, o amor, lá vae abençoando encanecidos velhos emquanto aos novos dá alguns sabios conselhos filhos da sua longa e triste experiencia.

O seu riso parece um riso de innocencia um riso meigo e bom, formoso como a luz que illuminou a fronte ao pallido Jesus.

Alem na encosta vem descendo as raparigas, formosas como a aurora e louras como espigas que o junho encantador nos mostra nos trigaes. São graciosas visões, são ternos ideaes aonde n'uma doce e fina transparencia se vê uma alma pura, e a candida innocencia.

Discute-se no adro:—as verdes sementeiras; se o anno será bom se as verdes oliveiras deixarão ir avante a flor branca e mimosa; se o *phyloxera* vem ás vinhas alouradas; se a estação será mais quente ou mais chuvosa ou se virá a cheia ás veigas perfumadas. É assim innocente a discussão singella.

No entanto, o padre tem entrado na capella.

Alem os rouxinoes no verde laranja entoam com meiguice um hymno brando, ideal, e lá distante o sol, dos pincaes da serra, de luz inunda a terra.

Oscilla gravemente o sino abençoado e o som profundo, triste, e suave, e prolongado. cheio d'uncção lá vae perder-se no infinito.

No entanto as aldeãs entoam o bemdito.

E esses bons aldeões felizes, descuidosos, entrando na capella ajoelham respeitosos.

VICTOR NARCEU.

### OS PRIMEIROS AMORES D'UM FUTURO ALMIRANTE

E' na Oceania—quinta parte do mundo—em uma das numerosas ilhas espalhadas pelo *Pacífico* e pertencente ao archipelago de *Tongá* ou dos *Amigos*, o lugar onde se passou a amorosa scena, cuja reprodução apenas similhará um pallido reflexo do descriptivo collorido que lhe deu o aventureiro heroe.

Foi sobre o solo fertil, humido e quente da Polynesia do sul, envolto em bancos de coral batidos por um mar piscoso, que se afermosentou a quadra adolescente do audacioso Romeu.

Conduzira-o ali uma das corvetas da marinha franceza, a que pertencia como aspirante voluntario.

Já affeito ás vagas e ás vozes do vento, era-lhe pensamento dominante o contemplar de bordo a linha das aguas de um extenso horizonte. As impressões do oceano levaram-o, pois, a deixar a rada de *Brest*, com destino para uma viagem scientifica, a 2 de agosto de 1791. Foi trabalhosa e assaz prolongada a circum-navegação, feita sobre os mares, antes do navio surgir em frente de um dos mais alegres e fecundantes archipelagos polynesiannos, para lançar ferro no ancoradouro de *Panghai—Modon*.

Corria o mez de julho: revestia-se a terra de luxuriante vegetação.

Os sycomoros vergavam sobre o espelhado aquoso remirando as suas grandes flores; as arvores do pão, abrindo digitadas folhas, cobriam de sombras a orla maritima do ilheu; as moscadeiras silvestres, balanceando os amargosos fructos, saturavam de effluvios balsamicos a fragancia local; os coqueiros, alteados como mastros de navio, sacudiam no ar as palmas de seu virente penacho, convidando o forasteiro a dessedentar-se na refrigerante agua de sua nutritiva pólpa; as bananeiras, a desabotoar em fructos a sua haste fecunda, pendiam grandes cachos para o valle ameno das plantações; milhares de troncos—em fim—de densas mattas, realçadas nas suas cómas por uma infinidade de flores, amarellas e vermelhas, quasi de todo se escondiam n'um entrelaçado de fétos, de orchidêas e de sycas!

Ainda não havia findado a faina de amarrar, com segurança, a corveta quando começaram a afluir e a cercal-a numerosas *pirógas*—construcção privativa dos intrepidos navegadores polynesiannos. Pareciam querer abordal-a. Felizmente, era de paz a sua missão; limitava-se a um refresco de vitualhas, ne-

gociado a troco de lenços encarnados, e de algumas machadinhas para os chefes da horda insular. Tiveram estes, a mais, a honraria de serem barbeados pelo barbeiro de bordo. Foi prodigioso o effeito d'esta regalia! Eram tantos a inculcarem-se chefes que tiveram de intervir—no *rasouramento*—os marinheiros. Em pouco mais de duas horas toda a aristocracia estava de cara rapada, e, diga-se tambem com verdade, a escorrerem sangue alguns queixos...

Hia baixando o sol, a caninho da sua occultação diaria, quando principiou a operar-se a retirada dos selvagens, depois de bem fustigados por alentado indigena, que se revelou um *verdadeiro* chefe d'aquella *troupe*. Apesar do panico com que alguns fugiram, alcançando a nado a terra, não se olvidaram de fazer *mão-baixa* em quanto lhes ficou a distancia do braço!

O roubo era-lhes destresa; a hospitalidade, comunidade de bens.

A bordo gastou a equipagem o resto da noite a descançar da diurnidade dos serviços nauticos.

Ao romper d'alva reaparecia, sob o influxo de prodiga natureza, a maravilhosa estancia de que fizera selecção o commandante da corveta para sua arribada. Encostado á borda, e a contemplar a famosa ilha, achava-se o aspirante *Jurien*, iniciando a sua larga carreira de almirante. Eis as palavras com que elle—já depois de attingir esse seu glorioso posto—rememorou as impressões de momento.

«Havia um não sei que encanto enervante e difficil de definir. Os tépidos perfumes da brisa, a graça indolente das arvores, as silenciosas caricias dos passaros, reunidos sob densa folhagem, tudo respirava um voluptuoso espreguiçamento, tendente a mergulhar a alma em delicioso extasi.»

«Compreende-se bem a mollesa sensual dos insulares e a sua natural indisposição para a rudesa dos trabalhos agrarios quando se passou um dia sob as deliciosas sombras da Oceania.»

E, melhor ainda:

«O languido amante no regaço da bella adormecido»

Decidindo-se o joven marinheiro a gosar de perto tantas bellezas que estavam a fascinal-o para um desembarque, foi-se para terra no escaler que primeiro largou de bordo.

Ouçamol-o agora, descrevendo o *paradisum* da Diva, seus enleios, e affectuoso sentir d'um primeiro amor.

«No dia em que puz pé em terra, a sorte, sempre propicia á mocidade, dispoz-me um encontro cuja lembrança, decorridos 68 annos, ainda não se apagou em meu coração.

Algumas mulheres, na flor da idade, estavam assentadas na orla do bosque, quasi a cobrir de todo o ilhote de *Panghai Modon*. Não pude evitar-me a notar, no meio do grupo, uma rapariga de belleza superior á de suas companheiras. Seu ar distincto e o respeito das que a cercavam faziam-me crer que pertencia á classe mais elevada do paiz. Stoube depois o seu nome e procedencia. Chamava-se *Véa*; descendia do sangue divino dos *Fatta-Faihis*: era da intimidade da rainha. Depois d'este casual encontro não voltei a terra sem a procurar. A linguagem dos olhos em breve conduzio o joven official da *Durance* e a descendente dos *Fatta-Faihis* a trocarem algumas palavras no engraçado dialecto de

1 Nome da corveta a que *Jurien de La Gravière* pertencia como aspirante voluntario.

*Tonga-Tabou*. Livre de toda a vigilancia importuna, gosava *Véa* das prerogativas que—na ilha dos *Amigos*—andam ligadas ao feliz acaso do nascimento.

As nossas entrevistas eram unicamente contrariadas pelas exigencias do serviço, que me reconduziam a bordo. *Véa* entretinha-se agradavelmente a ensinar-me o idioma de que eu apenas começava a balbuciar algumas palavras. Em cada dia tornava-se a nossa affeição mais terna e mais profunda. Logo que me não permitiam sair de bordo, fazia *Véa* conduzir-se n'uma grande *piróga*, acompanhada de sua comitiva, a offerecer-me alguns presentes, voltando logo para terra. Uma vez não pude resistir ás instantes sollicitações de meus camaradas. Fascinados por tantos encantos, queriam que *Véa* comparecesse perante o nosso commandante. Mr. de Terrasson, então de cama e padecendo muitissimo. A mocidade, o ar de candura, a graça natural d'esta encantadora mulher causaram-lhe admiração: suas dorepareceram suspender-se n'aquelle momento! Por suas debeis mãos collocou um cinto, com scintillações d'aço polido, em volta do corpo da encantadora *Véa*. Foi grande a sensibilidade com que ella se manifestou reconhecida; os seus olhares exprimiam eloquentemente a sua felicidade ao receber tão valioso presente.

(Continua).

J. VIANNA.

### HORAS DE OCIO

Charada enigmatica

Leitores, segunda e tercia  
Na primeira encontrareis  
E no campo com certeza  
O meu todo vós vereis.

OCIOSOS DE CAÇADORES 4.

Logogripho

(POR SYLLABAS)

Vi um dia uma mulher,—4.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>  
E senti logo no peito } 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>  
Os effeitos do amor! }  
Era bella, e era grave,—1.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>  
Mas respondeu-me n'um tom } 5.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>  
Que me causou viva dôr! }

Torturado de mil duvidas } 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>  
Perdido n'um labyrintho }  
Ouvi vibrações sonoras } 5.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>  
Nem inda sei o que sinto! }

Fui, ali, aos pés de Deus } 1.<sup>a</sup>  
Pedir lhe o esquecimento! }  
E a cruel zombava ainda } 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>  
Do meu atroz soffrimento! }

Depois de tanto penar,  
Depois de tanto soffrer,  
Tentei ali mesmo um dia  
Minhas maguas escrever!

FERNANDO DE CHATIGNY.

Soluções dos problemas do n.º 32

Logogripho.—Banana.

Cryptographia

Em santos a paciencia diz bem sempre.

Metagramma.—Crato, Erato, Grato, Irato, Prato, Trato.

## O CASO DE JOÃO ANGO

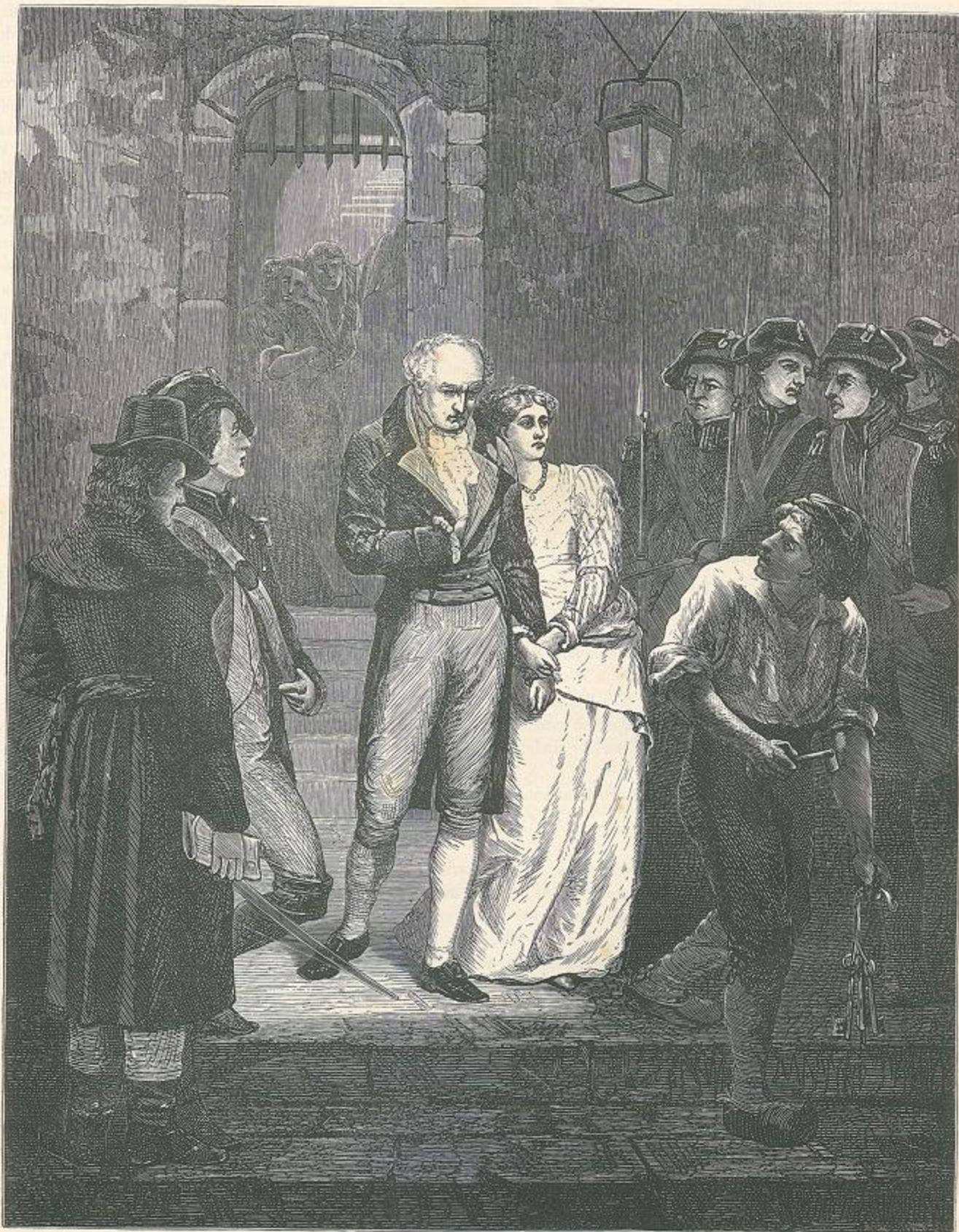
(Excerpto inédito da 2.<sup>a</sup> edição da HISTORIA DE PORTUGAL)

(Conclusão)

Mas as repetidas represalias não escarmentavam os corsarios francezes, que achando o negocio ren-

outros para lançar á caça das naus portuguezes e dos galões hespanhoes armadas de dez ou de doze navios. Francisco I chegou a nobilita-lo, dando-lhe o titulo de visconde e de governador da cidade de Dieppe. Ango era realmente um vulto notavel no seu genero; não se limitava a armar navios para o corso, embarcava e combatia valentemente. Se de-

Tejo. Encontraram-se-lhe a bordo mercadorias que só podiam provir do carregamento de um navio hespanhol, e roupas e outros objectos pertencentes a subditos portuguezes, e que ainda conservavam até o seu certificado de origem, por assim dizermos. Foi portanto o navio julgado boa preza, a carga foi apprehendida, e a tripulação condemnada á morte



UM EPISODIO DA REVOLUÇÃO FRANCEZA

doso apesar dos perigos, tinham feito da pirataria como que um ramo especial do seu commercio, chegando a organizar-se associações para se formarem verdadeiras armadas com que exerciam em grande a sua profissão.

Um dos mais poderosos armadores d'estes navios de corso era João Ango de Dieppe, que enriquecera largamente com esse fructifero emprego dos seus capitães, e que já não precisava de se associar com

pois passou a desfructar as largas riquezas que ganhara na sua residencia principesca de Varangeville, os alicerces da sua riqueza lançara-os elle *payant de sa personne* como em francez se diz.

Um dia, nos fins de 1529 ou principios de 1530, chegou ás aguas de Lisboa um dos seus navios acosado pelo temporal. Correu sobre elle a esquadra guarda costa, o navio francez procurou resistir, mas foi vencido facilmente e conduzido para dentro do

pela lorca, sem que o embaixador francez, Honoré du Cais, reclamasse contra a justiça da sentença. Appellou apenas para a misericordia do rei, pedindo que lhe fossem entregues os seus culpados compatriotas, pedido a que accedeu D. João III, desejoso de se conservar em boas relações de amizade com a França de Francisco I.

Ango porém é que se mostrou magoadissimo com esse facto, e, queixando-se ao seu rei, pediu-lhe au-

thorisação para tirar dos portuguezes as represalias convenientes.

Concedeu-lhe o rei carta de corso datada de 27 de julho de 1530, auctorisando-o a saquear navios portuguezes, até que auferisse um lucro que não fosse superior a 229:000 ducados.

de com o procedimento dos corsarios do seu paiz. Agora porém perfilhava a sua causa, concedia elle mesmo authorisação aos seus vassallos para fazerem guerra aos navios portuguezes. A carta de marca concedida a João Anjo equivalia a arvorar a bandeira real franceza no tope dos mastros dos navios

ra que nos fechava de mais a mais o mercado de Flandres, e produzia por conseguinte a ruina do nosso commercio. Por isso se reuniu o conselho, e se resolveu afinal que fosse de proposito um embaixador a Paris reclamar de Francisco I a revogação da ordem que dera. O embaixador escolhido foi D. Al-



O MENDIGO CEGO

Não havia então em Paris embaixador portuguez, porque João da Silveira morrera e ainda não fôra substituído. D'aqui resultou que o governo portuguez só teve conhecimento do facto em abril de 1531. Achava-se então a côrte em Montemor-o-Novo, e o rei convocou logo o seu conselho, para saber o que se havia de fazer. O caso effectivamente era completamente novo. Até ahí sempre o governo francez regeitara toda e qualquer idéa de solidarieda-

piratas, transformando-os de facto e de direito em navios corsarios, segundo a significação mais moderna da palavra. Não sorria de certo ao governo de D. João III a idéa de uma guerra contra a França. Tendo-se afastado sempre cuidadosamente dos conflictos europeus, o governo portuguez a quem não sobravam recursos para manter o seu dominio colonial, estava muito longe de encarar com agrado a perspectiva de uma guerra contra a França, gueur-

varo de Athayde, já então vedor da fazenda, ou ministro da fazenda, como hoje diríamos, e que tinha ainda de vir a ser conde da Castanheira, e grande valido de D. João III.

As instrucções que elle levava não as firmaria de certo el-rei D. Manuel, apesar de todos os seus defeitos. Começava com D. João III esse tristissimo periodo da nossa politica, em que da nossa fraqueza diplomatica tinham de nos resultar innumeradas hu-

milhões. N'esse documento, referendado pelo bispo de Vizeu D. Miguel da Silva, então escrivão da puridade, transparece a cada phrase o receio de provocar um conflicto directo com o governo francez. Ordena-se ao nosso embaixador que trate o mais possível particularmente com o rei Francisco I para que não possa ter consequencias alguma palavra aspera do soberano. Recommendam-se-lhe mil transigencias, insinua-se-lhe que por todas as formas procure obter a revogação que se deseja, sem fazer ameaças nem fallar em guerra. O documento é pouco honroso, mas que differença tem ainda assim da tradição normanda! . . . Apesar das suas fraquezas, D. João III não faz o minimo caso de João Ango; não são os seus navios que o preocupam, o que o preocupa é a perspectiva de uma guerra com a França. O embaixador nada tem com João Ango; sem a carta de marca, o rico dieppez é apenas um pirata que as esquadras portuguezas punirão como tem punido tantos outros; com a carta de marca porém, João Ango representa a França, e o rompimento com a França não o quer por forma alguma D. João III, que, tendo resistido a todas as instancias do imperador seu cunhado, para se não envolver nas guerras europeas, não deseja ver-se obrigado a entrar n'ellas por causa de João Ango, e este tambem tão pouca confiança tinha na acção dos seus navios, que, longe de mandar bloquear Lisboa, só usa da carta de corso para embargar nos portos de França os navios que de Portugal se dirigiam para Flandres, que, longe emfim de esperar que o embaixador portuguez fosse a Dieppe, apenas sabe da sua chegada a Paris, corre a Paris tambem para contrariar as suas reclamações, para conseguir que Francisco I o não abandone retirando-lhe a carta de corso.

Desejariamos de certo que D. João III houvesse mostrado mais energia mesmo em presença da França, mas percebemos perfeitamente que elle faça todas as concessões possiveis para evitar um rompimento com o poderoso rival de Carlos V, o que não perceberiamos era que elle se humilhasse perante um simples corsario de Dieppe, cujos navios não resistiriam ás bombardas d'esse terrivel galeão *Bota-fogo*, que annos depois tinha sido o assombro da Europa e da Africa, quando appareceu fazendo parte da poderosa esquadra portugueza, que foi á expedição de Tunis em auxilio de Carlos V.

D. Antonio de Athayde partiu a toda a pressa, mas não encontrou facilidade em obter o que desejava, Francisco I n'essa occasião achava-se em paz com o imperador Carlos V, tivera alguma d'essas velleidades maritimas e colloniaes que de vez em quando o saltelavam, como na occasião em que dizia: Sempre desejava ver o artigo do testamento do pae Adão, que lega a meus irmãos de Hespanha e de Portugal a Asia, a Africa e a America. É certo que declarou que a carta de marca ou de corso fôra concedida pelo seu conselho, e que só o conselho a podia revogar. Entretanto os navios portuguezes que iam para Flandres ja não podiam tocar impunemente nos portos francezes, e fazia-lhes isso muita falta, não só porque eram bons portos de escala para tomarem refrescos e renovarem provisões, mas porque muitas vezes lhes servia de refugio contra os temporaes do mar da Mancha.

Vendo pois a teima do rei de França, e querendo o negocio terminado, D. João III não hesita em conceder que se chegue a algum accordo com João Ango. Lembrou-se entretanto em França, como o melhor alvitre, que tanto esse caso como todas as outras pendencias existentes entre Portugal e França se sujeitassem ao juizo de arbitros, que funcio-

nassem em sitio independente das duas corôas.

Não sorria muito essa idéa á corda portugueza, porque não tinha muito desejo de ver sujeito á discussão o direito do monopolio de navegação, que até ahí fôra considerado como incontestavel e indiscutivel. Effectivamente se Francisco I, como affirmava, quizesse ver a copia authentica do testamento de Adão, Portugal não a tinha para lh'a mostrar. Emfim D. Alvaro de Athayde lá se entendeu particularmente com o almirante de França, que era Henrique de Chabot, a quem deu dez mil crusados, e este comprometteu-se secretamente a fazer com que João Ango se contentasse com o que se lhe promettia, a impedir que d'ahi por diante se armassem navios para as costas de Malagueta e do Brazil, e emfim a velar pelo estricto cumprimento do tratado ostensivo, porque este como pôde imaginar-se era secreto. O tratado ostensivo, longe de ser o que a tradição imagina, era extremamente honroso para Portugal, porque se combinou simplesmente, como D. João III diz, «que el-rei de França me escreveria uma carta como a elle aprazia que esta letra de marca de João Ango e todas as outras que se poderiam conceder as haveria por revogadas e todas as que se pedissem se julgassem primeiro por juizes, segundo a forma de um capitulo que vem nos apontamentos que de fóra me mandastes.»

Secretamente porém o rei de Portugal fazia importantes concessões, porque se obrigava a pagar a João Ango dez mil francos por uma vez só e mais cincoenta mil nos prazos que se marcassem.

Como se vê, afinal de contas o negocio não era d'aquelles de que mais nos podemos gloriar, e ha não sabemos que vagas semelhanças entre o caso de João Ango e o caso do *Charles et George*. Tambem n'aquelle caso Portugal teve de pagar indemnisação por um navio que fôra considerado boa e legitima preza pelos seus tribunales, navio tripulado por negreiros no caso de *Charles et George*, por *ladrões de toda a roupa*, como então se dizia, ou piratas no caso de João Ango. Mas ainda assim não só ha uma grande differença a favor da diplomacia de D. João III, porque essa indemnisação foi dada secretamente não como reconhecimento de um direito, mas como propina para obter o acabamento de uma demanda, não só com essa indemnisação se obteve a revogação da carta de marca de João Ango e de todas as outras (posto que o cumprimento d'esse artigo continuasse a ser puramente nominal); mas sobretudo Portugal nada tem com João Ango, e não faz o minimo caso das suas fanfarronadas. Longe do corsario dieppez lhe bloquear Lisboa, era tão infeliz n'essa occasião que dez navios que elle e mais alguns corsarios enviaram aos Açores para saltelarem navios que voltassem da India, foram sacudidos asperamente pela esquadra do cruzeiro, commandada por Antonio de Miranda. Era simplesmente para Portugal um subdito do rei de França, cuja causa fôra esposada pelo governo francez. Pintarem-n'a a receber as supplicas dos embaixadores portuguezes é tão crasso disparate como seria o do historiador futuro que pozesse o commandante de *Charles et George* a receber embaixadas de Portugal, só porque Napoleão III, imperador dos francezes, nos impoz a humilhação de lhe entregarmos o navio.

Alem de tudo o mais, devemos acrescentar que, embora fossem incommodos effectivamente os corsarios francezes, os nossos marinheiros estavam costumados a castigal-os com as suas proprias mãos, e as iras de João Ango, não levariam o governo de D. João III, apesar de fraco e estulto, a ir pedir reparação ao governo de Francisco I. Mas o que tornou

indispensaveis a embaixada, e a negociação e o accordo, foi sobretudo o embargo dos navios portuguezes nos portos de França. Em Rouen, por exemplo, estava embargada uma urca portugueza com uma carregação que valia dez mil cruzados e uma nau carregada de assucar, e na Rochella um navio de mercadores de Vianna do Minho com uma carregação de cem mil cruzados. Estes é que eram os males gravissimos que D. Alvaro de Athayde tratava de remediar.

PINHEIRO CHAGAS.

## A PROPOSITO

Portugal tem tido na sua gloriosa historia duas epochas, duas edades em que a sua preocupação constante tem sido o seu dominio colonial: a idade da conquista e a idade da defesa d'essas possessões a que a rhetorica decadente chama joias da corôa portugueza.

Na idade da conquista, n'esses tempos em que a cruz e a espada encontravam Makokos por toda a terra, e com todos elles contractavam a exploração da fé e do commercio, os parallelos dos limites não eram traçados por commissoes technicas, mas pelas flechas envenenadas dos selvagens. Nos troncos das florestas, convertidos em columnas de Hercules, a barbarie escrevia—á vista da civilisação européa—o celebrado—*non plus mythologico*.

E o caso é que a questão ficava adiada, sem que no adiamento enterviessem os comícios e os artigos de fundo, e os conquistadores missionarios voltavam para a côrte e juntavam ao inventario da terra portugueza mais alguns palmos nos dominios d'alem-mar.

N'aquelle tempo, a Africa, a Asia e a America, era tudo *roupa de francezes*, mas sem a intervenção do conde de Brazza nem do sr. Duclere. Ao litoral de qualquer d'esses continentes, aproavam as nossas caravellas, e em quanto as armas da guerra atemorizavam os novos vassallos, as armas da paz baptizavam o solo. Não se conhecia então o que poderia vir a ser isto a que se chama direito internacional, ou antes já se comprehendia que elle nunca viria a ser um direito.

A Africa, por exemplo, era um logradouro common a todas as nações; tinham direito á partilha os que se apresentassem a reclamá-la. Não se poderia, com rasão chamar ás correrias de então, sobre os mares e atravez das florestas, conquistas civilisadoras; mais proprio seria denominal-as—caça aos povos desconhecidos.

N'esses tempos trabalhava-se para a sciencia, com a intenção pouco generosa de commerciar. E' que n'aquelle tempo, já a economia politica tinha leis que se baralhavam com a moral. O paiz era como as arvores gigantes; raizes em terra revolta ramaria frondosa lá muito ao longe; o mar servia de tronco e o chão alastrava-se de fructo.

O mundo assim foi sendo descoberto e conquistado: os povos são como as minas; quem descobre os jazigos tem direito a exploral-os.

A essa idade chamam os patriotas que se extasiam perante as glorias do passado—a nossa idade aurea.

O reino alargava os seus dominios, o rei o numero de seus subditos, a historia dourava muitas paginas, e na galeria dos nossos varões illustres, surgiam—o Gama, por causa da conquista, Camões por causa do Gama.

A segunda idade offerece um notavel contraste; mostra a passada grandeza, e evidencia a nobreza moderna

A rapina prescreveu e converteu-se em direito. Portugal, como faria um grande rio que um exercito de vandalos tentasse entulhar, serpenteia pelo mundo, galgando pedras, escondendo-se na terra, erguendo altivo o dorso na foz que a custo alcançou.

O Gama diminuiu a estatura mas dilatou o cerebro—é Capello, é Ivens, é Serpa Pinto; a cruz alterou as formas e mira a novo fim—é o chronometro.

Os sabios atravessam os inhospitos continentes e trabalham em nome da sciencia e da liberdade, como outr'ora os missionarios trabalhavam em nome do rei e de Deus.

Portugal defende hoje os seus dominios d'alem mar, como um filho pode defender a sepultura de seu pae—E tem razão, que os ossos dos velhos portuguezes são adubo fertilizador das terras africanas.

A's vezes, porem, na exagerada ganancia da posse que o nobilita, tem na phisionomia contrações de Harpagon ao ver lusir e soar o ouro brilhante e puro do seu thesouro.

A nuvem que passa, o ramo que treme, a brisa que suspira, os proprios movimentos, tudo enfim parece ameaçar-o de que lhe vão ser roubados alguns pedaços mais bellos d'esse thesouro. Moliere poderia desrevel-o.

O avaro não empresta—receia perder; não troca—receia peiorar; não vende—receia a baratesa; não mostra,—receia a cubiça; não occulta,—receia esquecer-se!

Contemplar o seu thesouro, adorar-o, sorrir-lhe, inventariar-o e revolver-o é o seu praser.

Portugal é um avaro: vigia as suas colonias, estuda-as, sauda-as, adora-as, inventaria-as, mas receia tocar-lhe, bolir-lhe, e, enquanto debruça sobre ellas o collo palpitante, olha de soslaio, receioso, prevenido, para a França, para a Inglaterra, para a Hespanha, para os imperios, monarchias e republicas, e sustem nos labios tremulos, como recurso final e desesperado—o comicio—um grande apito colonial.

Sim, houve tempo, na idade que passou, em que os homens tinham maior estatura e pulso mais forte, embora não tivessem maior o coração e mais fortalecido o animo, e então, Portugal imitando o atleta do deserto que segura nas suas garras ferinas a rez que soube esmagar, não receiava a aggressão nem do leão de Castella, nem dos leopardos inglezes, nem das aguias da França.

A sua conquista estava-lhe confiada.

Os seculos passaram; a juba rarcou, o rugido apagou-se, o olhar amorteceu-se, os membros affrouxaram e a ferocidade domesticou-se.

O senhor vella ainda junto da presa, mas quando o leopardo avança, mas quando a aguia desce, mas quando o leão ulula e abre n'um bocejo de cubiça as suas garras terriveis, o misero já não confia em si, já não resiste, já não discute, já não accommette; resa ao altar da patria a invocação do seu abatido poder e apita em plena Europa com a esperanza de que, apesar da historia, a civilização accuda e o proteja.

O peor para a desgraçada terra dos descobridores mais audaciosos das maravilhas do mundo, é que ella, invocando, pela bocca dos tribunos a protecção dos direitos de propriedade, mostra desconhecer que a mesma theoria que força um pae a ensinar seu filho, força um paiz a civilisar uma colonia

Quem pode conservar uma charneca inculta, quando junto d'ella viver uma população com fome?

Portugal defende o seu dominio d'alem mar, em nome dos direitos politicos que lhe reconhecem, mas bem fará se não exagerar o alarme para que a civilização não ouça os queixumes dos povos e das terras, sem escolas e sem arados!

As joias da corôa eram fetiches da velha linguagem—as scintillações lhe bastavam—os povos civilizados não são joelheiros de Moysés; são os mestres dos selvagens, os lavradores das florestas.

Quando a civilização accidir pode talvez collocar acima do direito a posse e a exploração, o direito dos povos á escola e ás searas.

GOMES DA SILVA.

## SCENAS DA VIDA DO MEXICO

### DONA EVORNIA

POR

LUCIANO BIART

II

(Continuado de pag. 272)

Os criminosos explicam tudo, doutor, com maior ou menor habilidade. Valentim, cheio de ciumes, sahiu, diz elle, para espreitar D. Philippe e a Grega. Andou a passear pelas ruas, e até confessa que encontrou o rival. Foi então que machinalmente voltou para casa da Grega, que encontrou sentada á janella, e junto da qual se esqueceu de que já era noite velha.

—Não acho inverosimil.

—O doutor lê no corpo, é o seu officio, porém o meu é ler nas consciencias. Outro facto: o seu relatório—parece-me que o li com bastante attenção—affirma que a ferida devia ter sido feita com uma d'essas facas, de que usam os manipuladores de tabaco.

—Sim, e que devia ser nova.

—Hontem, ás seis horas da tarde, um conhecido vendedor ambulante vendeu um d'esses instrumentos a um homem que não tem duvida em dizer quem foi, se lh'o apresentarem, mas cujo nome ignora.

O juiz deixou-me um instante; as ideias confesso tinham-se-me confundido, baralhado. Eu continuava a julgar a Grega innocente; porém começava a desconfiar de Valentim, e entristecia-me a lembrança do desgosto, que iria enlutar a familia do desgraçado moço.

Pensava tambem na pobre Evornia, em summa, nenhum interesse obrigava o juiz a revelar á infeliz senhora todos estes incidentes, a deprimir no seu espirito a memoria do homem, que ella adorava, do pae de seu filho. Eu lamentava que o corpo fosse outra vez transportado para casa; mas a lei assim o ordenava, e o meu profundo respeito ás leis, respeito sem o qual não ha justiça, nem ordem publica, nem governo possivel, distinguiu-me sempre dos meus compatriotas, cujo principal intento é infringil-as.

Como o juiz não queria atrahir as atenções, só fomos á prisão ás nove horas. A Grega, que instantemente perguntava o que lhe queriam, seguiu com o carcereiro por umas ruas afastadas, e após ella, ea pequena distancia, Valentim já rouco á força de gritar. Fui adeante para evitar que Evornia se assustasse com o ruido que podesse ouvir no quarto do mari-

do, mas sem saber de todo em todo como lhe havia de occultar a verdade.

A noite estava escura, e por consequencia as ruas desertas, porque em poucas cidades se deitam os habitantes mais cedo do que em Drizava. A este costume, tão prudente como hygienico, deve talvez a cidade o contar uns poucos de centenarios. De longe em longe, mulheres sentadas, ás janellas conversavam sobre o acontecimento do dia; tive de passar por minha casa. Bateu-me acceleradamente o coração, e cobriu-se de tristeza quando me lembrei das «sementes animadas.» A'quellas horas, em que por via de regra tinha quasi a certeza de estar descaçado, em que me collocava deante da mesa de trabalho, andar a correr pelas ruas, e as sementes a moverem-se talvez dentro da caixa, a gastarem a sua força contractil! E quem sabe d'ahi a quanto tempo ser-me-hia possivel alcançar outras?

Parei; um pensamento doloroso tinha-me atravessado o espirito. Se aproveitando as horas que fui obrigado a perder, um curioso qualquer, um ignorante, por um d'esses acasos, que reduzem a nada os calculos do homem, descobrisse as singulares propriedades das «sementes animadas» e mandasse um exemplar para Londres, para Paris, para o Mexico! Se me roubassem a gloria de proclamar aquella descoberta! O solo, que estava pisando, descoberto pelo genovez Christovão Colombo, não tinha o nome do florentino Vespucio? Dispuz-me a entrar em casa; mas, cahindo novamente em mim, puz-me a caminho, pensando unicamente na dôr de Evornia, e escogitando na minha alma outros meios de consolação que não fossem os que dá o tempo.

IV

O costume, que ha no Mexico, de expor o cadaver com o rosto descoberto, de o não amortilhar, e de o enterrar nu, foi introduzido na patria de Moteczoma pelos europeus, ou é uma tradição azteca? Os documentos serios são deficientes em subsidios para esclarecer este ponto da archeologia, que me propuz estudar a fundo; porém a vida é curta, mal chega para os que só desejam conhecer superficialmente algumas verdades. E' fóra de duvida que os cadaveres dos chefes indios eram expostos ao publico antes de serem queimados; comtudo fóra temeridade concluir d'ahi alguma coisa no tocante a usos modernos.

Evornia poudo expulsar do quarto as matronas; não poudo evitar que preparassem o corpo do marido para ficar em exposição. Dom Philippe, deitado em cima da cama coberta de flores, com o rosto voltado para a janella, tinha na mão um rosario; Cingia-lhe a fronte uma corôa de cravos de defunto; ardião á sua cabeceira seis tochas enormes. Um velho cego, empunhando um livro de missa, recitava em voz pausada, surda, monotona, algumas orações, que se devia suppor que estava lendo. A' meia noite, sem nenhuma intervenção ecclesiastica, o corpo do desventurado rapaz devia ser levado para a egreja parochial, e deposto sobre as lousas de uma capella fundada por seus antepassados.

Quando entrei no quarto de Evornia, achei-a só, tapando o rosto com as mãos, ajoelhada ao pé da cama. Sentindo abrir a porta voltou-se, lançou-me um olhar irritado. O filho chorava tristemente no berço.

—Vamos, vamos, disse-lhe eu, ajudando-a a pôr-

se de pé; é preciso ser rasoavel, escutar-me, obedecer-me; é mãe, e parece que se não lembra de que o é.

—Já não tenho leite! respondeu-me collocando-me sobre o peito as suas duas mãos. Deu uma volta pelo quarto, parou ao pé da janella, e dispunha-se a olhar para fóra; não consenti, com receio de que ella visse passar o juiz e a escolta.

—Então, coragem, minha filha! Dentro em pouco hão de vir buscar o cadaver de Dom Philippe, para lhe prestarem a ultima homenagem; prometta-me que se ha de mostrar tranquilla e socegada.

—Desde hontem que não grito, nem choro. Não entendo nada, não vejo nada, e não oiço nada, doutor. Levem-no, levem-no depressa!

—A cerimonia talvez se não passe em grande silencio; o alcaide e o juiz devem trazer um homem, que se julga ser o assassino.

—Um homem, exclamou Evornia, um homem! Quem? perguntou com anciedade.

—Valentim Solar.

martyr, tomado de profunda compaixão pela dor immerecida, que espedaçava o coração d'aquella creança; que vi crescer ao pé de mim, e que considerava minha filha. Eu estava embaraçado, não sabia o que havia de dizer, fallar ás mulheres não é o meu forte; mas tinha os olhos cheios de lagrimas, repetia palavras iufantis, doces, ternas, meigas. Para encobrir a minha incompetencia, eu desejava tomar Evornia nos braços, embalal-a como quando era pequenina, e me adormecia no collo ao som de uma canção franceza, de que ella muito gostava.

Ella porém escutava-me; as suas feições foram perdendo pouco a pouco a rigidez. Pegou-me na mão; beijou-a, abraçou o filho. Arfava-lhe o seio, brilhou-lhe nas palpebras uma lagrima, ia finalmente chorar e escapar á febre, á loucura, quando se ergueu subitamente, com o olhar desvairado, e exclamou:

—Deixe-me; não me desespere mais!

—Chore, disse-lhe eu.

N'esse momento, a creada fazendo signaes ás es-

car? Era forçoso appellar para as virtudes christãs, para a resignação ou para o esquecimento, duas impossibilidades.

Compareci deante do juiz, e obedecendo ás suas instrucções, colloquei-me junto do cego, defronte da porta por onde a Grega havia de entrar. O juiz contava com abundantes lagrimas, gritos, um desmaio, e eu tinha tomado todas as minhas precauções. A' roda do morto estavam accesas mais de vinte tochas, e por isso o quarto, apesar de grande, estava sufficientemente illuminado. A um signal do juiz, trouxeram Valentim.

Apenas transpoz a porta, parou espantado, descobriu-se, benzeu-se, aproximou-se do cadaver com passo firme e aspergiu-o com agua benta.

—Valentim Solar, perguntou-lhe o juiz, conhece esse homem?

Valentim sorriu desdenhosamente mexendo os hombros com irreverencia.

—Tem sangue frio, murmurou o juiz ao meu ouvido.



DOIS BONS CAMARADAS

—Um dos amantes d'essa creatura, a quem chamam a Grega? Evornia pronunciou este nome por uma forma tão extraordinaria, com uma expressão de colera e de desprezo tão visivel, que olhei para ella surprehendido.

—O doutor imagina sempre que tenho seis annos; como quer que eu seja a unica pessoa que ignore que Philippe foi amante d'essa mulher, e que ainda o era hontem?

Evornia sabia a verdade. Encontrei finalmente a explicação do seu modo brusco, intratavel, dos pensamentos sombrios que a torturavam. A colera, e o ciume cravavam os dentes n'aquelle coração recto, amoroso, ingenuo, que luctava entre a dor de uma perda irreparavel e julgava triumphar, mas a hora da reacção não se podia demorar, e eu tinha medo quando me lembrava da crise medonha, que forçosamente produziriam tantas lagrimas e soluços abafados.

Obriguei Evornia a sentar-se, peguei no filho, e colloquei-lh'o nos braços. Ajoelhei aos pés da pobre

condidas, veio annunciar-me que o juiz reclamava a minha presença.

Era necessario obedecer. Abracei Evornia, diz-lhe que me não demorava, e pedindo-lhe outra vez que não se assustasse com o ruido que ouvisse. Censurei asperamente os que lhe tinham lançado no coração o germen do ciume, aconselhando-a a lembrar-se de que o marido, reu de uma leviandade, nunca deixou de a amar um só instante. Ella ouviu-me sacudiu a cabeça, e viu-me sahir sem proferir palavra.

Recobrei-me um pouco da minha perturbação. Suppunha desde a vespera que tinha apenas uma dor vulgar, a quem proporcionasse allivio e consolação, e tencionei, logo que passassem os nove dias de nojo exigidos pelos habitos mexicanos, mandar Evornia para Cordova ou Puebla. A mudança de terra é um grande remedio para as dores da alma; depois o amor maternal, essa chamma que arde no coração das mães, triumpharia do desespero da viuva; agora, porém, que sentimento havia de eu invo-

—Está innocente, respondi.

—Espere, doutor, não seja tão apressado nas suas decisões.

Como o cego tivesse recommçado as suas rezas, impozeram-lhe silencio, e Valentim foi asperamente advertido por faltar ao respeito que se deve á justiça. Explique alguém, se fôr capaz, por que motivo durante esse tempo eu lamentava o momento de enfado, que me fez collocar as «sementes animadas» dentro da caixa, sem me importar com a disposição em que tinham ficado. Se estivesse senhor de mim, procuraria dispô-las de maneira que pudesse apreciar as suas evoluções durante a minha ausencia, e ao mesmo tempo determinaria a importante questão de saber se a luz é necessaria para determinar aquelles movimentos. Distrahi estes pensamentos esperando que o juiz mandasse entrar Hermenegilda Ybanes, a Grega.

(Continua).